

Stadium

N.º 76 ★ 17 DE MAIO DE 1944

**JOSÉ MARTINS
DO SANGALHOS**

campeão nacional de fundo

(foto Nones de Almeida)



Manuel da Costa

o magnífico jogador do Benfica

aguarda serenamente a resolução do seu caso, pois não lhe interessa outro clube que não seja o dos «encarnados»

QUANDO, em 19 de Março deste ano, o Benfica disputou, no Estádio, contra o Sporting, o encontro decisivo para a conquista do título de campeão nacional, a exibição do onze benfiquense, despida daquele quase habitual entusiasmo e ardor pela luta que tem sido o segredo de tantas vitórias preciosas, surpreendeu e desiludiu — a um tempo.

O desapontamento foi geral. Palavra bem alto a rivalidade Benfica-Sporting, e a extraordinária importância do desafio parecia dominar tudo e todos.

Diz-se-lhe que os sócios e simpatizantes do popular Benfica, acostumados à vontade firme dos jogadores, ao seu querer forte e ao dispêndio generoso de energia — predicados que eles tantas vezes evidenciam quando é preciso arrancar um triunfo e honrar as tradições do clube — haviam esquecido a categoria do adversário e as suas aspirações, afinal tão legítimas como as dos próprios «encarnados».

A má tarde do Benfica passou a figurar na «ordem do dia».

Poucos dias depois, a direcção do clube tornava pública a sua resolução de castigar três dos jogadores que no domingo anterior se tinham exibido no Estádio: Manuel da Costa, Pires e Rogério ficavam suspensos dos seus direitos de sócios e mudados.

Estava, desta maneira, dada uma satisfação à massa associativa e simpatizante do clube, ao mesmo tempo que surgia um assunto de interesse palpante, se não para o futebol lisboeta, pelo menos para o futebol benfiquense. Porque era inevitável, logo apareceram o boato e a intriga, de permoio com graves acusações. Mas porque estas, felizmente, não se provaram, o caso perdeu notoriedade.

Entretanto, deu-se começo a uma nova competição — a «Taça de Portugal». O Benfica, mesmo sem o concurso do citado jogador, entrou a dar boa conta de si. E tudo caiu na vulgaridade...

Há pouco tempo, os dirigentes do S. L. B. levantaram a suspensão imposta a Pires e Rogério. Todavia, o caso de Manuel da Costa continua no mesmo pé... e a equipa não tem ainda o seu valioso concurso.

Dada a formação de «correntes» que parece existir — é sempre assim... — isto bastou para que o assunto voltasse a agitar-se, agora com maior vibração do que nunca.

E, deste modo, surgiu a oportunidade de trazer-mos ao conhecimento dos nossos leitores o que se passa à volta deste tão debatido caso.

Manuel da Costa é sobretudo conhecido para que necessite de apresentação. A sua habilidade natural e remate fácil depressa o tornaram figura de primeiro plano no futebol nacional. Antes na Académica, agora no Benfica — seu verdadeiro clube — o jogador em questão pode sempre merecer as melhores referências da imprensa. E não é descabido acrescentar que o clube dos «encarnados» lhe deve bom quinhão nas algumas brilhantes vitórias alcançadas.

Se as boas qualidades de jogador não bastassem para lhe granjear popularidade, os casos em que ele se tem visto envolvido seriam suficientes para fazer de Manuel da Costa um dos jogadores mais discutidos. Ainda não tinha ingressado no Benfica e já a sua vinda para este clube fizera correr muita tinta...

... Até que surgiu o caso de que nos ocupamos. Fugimos desta vez, à cerimónia entrevista. Preferimos a conversa amena, não sem que tivéssemos a lealdade de dizer a Manuel da Costa que as suas palavras se destinavam aos leitores da «Stadium».

Sobre o assunto, algo melindroso, o popular jogador do Benfica denota desde logo o desejo de evitar falar dos companheiros, por-

que, no seu entender, o «caso» é só «seu». E principia por nos dizer:

— Confesso: a minha situação aborrece-me extraordinariamente! Se o facto de um jogador actuar mal concede à direcção de um clube o direito de o castigar, sou eu o primeiro a reconhecer a justiça do castigo. Mas o que me magoa é que se pretenda confundir «jogar mal» com «falta de brio desportivo»...

E a seguir, como que a querer repudiá-la acusação que sobre ele pesa, acrescenta:

— O meu clube de sempre foi o Benfica, ainda mesmo quando, nos meus primeiros anos, vivia em Vila Real. Se joguei na Académica foi tão somente porque o acaso me levou para Coimbra. Vim para Lisboa com grande satisfação — e é desde que estou no Benfica que, verdadeiramente, me agrada jogar.

«Jogo por prazer, creia. E, agora, com a minha vida organizada, sem precisar do futebol para me manter, já cheguei a pensar em dispensar a remuneração que recebo como jogador. Parece, no entanto, que esta minha pretensão não encontrou ambiente favorável. É fácil compreender porque: eu ficava desobrigado de compromissos e isso não convinha ao clube. Reconheço a razão que assiste aos directores e aceito-a.

Mostrá-mos, então, a Manuel da Costa o desejo de saber o que há de positivo sobre a sua situação. Pronatamente, a nossa curiosidade fica satisfeita:

— Continuo à espera que a direcção do clube se pronuncie.guardo serenamente qualquer resolução. Há tempos, ainda tentei esclarecer o assunto; fui chamado, prestei as minhas declarações e obtive a resposta de que em breve tudo ficaria arrumado. Eis por que continuo à espera — e tão calmamente que penso até deixar o futebol se esta situação se prolongar. Isto não significa que recuse a minha modesta cooperação ao Benfica, sempre que o clube dela necessite. No dia em que julgarem que possa ser útil, vestirei, de bom grado, a camisola encarnada.

— Diz-se que pensa mudar de clube?

Convictamente, Manuel da Costa responde:

— Não é verdade! E' certo que tenho sido abordado, até por mais de um clube, mas posso afirmar-lhe que se voltar a jogar só o farei no Benfica ou no clube da minha terra: o Sport Clube de Vila Real — e, neste, por uma dívida de gratidão. Foi lá que comecei a minha carreira de jogador — foi o Vila Real que me revelou. Tenho lá a minha família e se o Benfica desaparecesse para mim, só o Vila Real poderia contar comigo incondicionalmente. De resto, como já lhe disse, não preciso, felizmente, do futebol para viver.

Já à despedida, a conversa derivou para o torneio da «Taça de Portugal». Manuel da Costa revela-nos, então, que tem pena de não fazer os encontros contra a Académica.

E «fastámo-nos, convencidos de que assim era. Que nos recorde, nunca este jogador do Benfica deixou de fazer boa exibição contra a «briosa»...



Manuel da Costa

O BENFICA É FAVORITO

DO VIGÉSIMO CAMPEONATO DE LISBOA

COM os dois empates que foi consentir — fora de casa... — o Futebol Benfica, se bem que não tivesse perdido possibilidades de vir a repetir a proeza de ganhar o campeonato de Lisboa de «hockey» em campo (e este seria o seu sétimo triunfo consecutivo!), diminuiu em muito a sua situação de candidato mais que provável ao título: é que o Benfica — destronado de um «récord» magnífico e que ciosamente guardava — assim como o Hockey, ansioso por voltar a figurar na lista dos campeões (façanha que nunca mais repetiu, desde que conquistou o primeiro título, já lá vão dezasseis anos...), procuram a oportunidade de apagar os campeões do seu pedestal, quiçá, ou quase invulnerável, espreitando-lhe a primeira escorregadela... E isto, evidentemente, vem contribuir para dar maior animação ao torneio, limitado, pode dizer-se, à luta dos dois Benfics e do Hockey. Como se tal não bastasse, acresceu ainda a circunstância de irem dois clubes à Taça de Portugal — e esses sairão, claro está, daquele «triumvirato».

A conclusão da primeira volta permite já formar uma ideia do estado actual da modalidade. Verifica-se que, realmente, está-se a jogar mais em Lisboa do que nos anos anteriores. Enquanto que o Futebol Benfica estacionou — e compreende-se perfeitamente porque... — o Benfica e o Hockey, este principalmente, progrediram na factura do jogo, de características diferentes nos três «teams»: mais vistoso o do Hockey, mais assente o do Benfica e mais prático o do Futebol Benfica. Quanto ao Belenenses e ao Atlético, «vivem» um período de adaptação, que deve melhorar com o decorrer da prova — apenas de «adaptação» e de estudo de possibilidades futuras para qualquer deles.

Na última jornada da primeira volta, o Benfica venceu o Belenenses, por 4-0, e o Hockey foi ganhar ao Atlético, por 7-1. Este último resultado (porque o jogo foi em Santo Amaro) merece elogio e anotação especial, principalmente pelo poder ofensivo do trio interior, circunstância que não se verificara ainda nos encontros disputados no seu campo de Palma de Baixo.

Vejam-se, para melhor elucidação, as classificações do final do primeiro turno da prova:

	J.	V.	E.	D.	goals	P.
Benfica	4	3	1	—	9-2	11
Futebol Benfica	4	2	1	—	10-0	10
Hockey	4	2	1	1	13-4	9
Belenenses	4	1	—	3	3-14	6
Atlético	4	—	4	—	1-17	4

Os «leaders» e os campeões ainda não perderam! Mas, enquanto que os primeiros têm de ir a Benfica, os últimos recebem os mais próximos competidores — e isso é, indubitavelmente, uma «chance»... A tarefa mais difícil está, por certo, destinada ao Hockey — que joga por si e com os resultados dos outros dois pois tem de ir ao Campo Grande e a Benfica. Que nos reservará a segunda volta do torneio? Eis uma pergunta para a qual, francamente, não atinamos com a resposta... É que se o Benfica — «leader» de ocasião — tiver a fortuna por si, quando for ao campo de Francisco Lázaro, e não se deixar surpreender pelo Hockey em sua própria casa, então talvez o título mude de possuidor. Que o adivinhe quem possa. Por nossa parte, esperamos que a luta do «trio» seja, pelo menos, tão interessante quanto o tem sido até aqui.

MÁRIO DE CASTRO

A ACTIVIDADE CULTURAL DO

ATLÉTICO C. P.

Para fechar o primeiro ciclo de conferências, efectuadas na sua sede, a Comissão Cultural do popular Atlético C. P. promove amanhã, no salão de festas do clube, como habitualmente, uma palestra de carácter desportivo, que será proferida pelo sr. Raul N. Reis e está marcada para as 21-30 horas...

O DR. ADRIANO RODRIGUES
REITOR DA UNIVERSIDADE DO PÓRTO

A PROXIMA-SE a data do acontecimento que todos os desportistas portugueses há alguns anos ambicionam viver: a inauguração do Estádio Nacional.

Tanto se falou e escreveu a seu respeito, quando ainda não passava de simples aspiração, tantos projectos se fantasiaram — desde os jogos Peninsulares aos jogos Imperiais — na antecipação do natural entusiasmo por ver, enfim, realizada a maior ambição do desporto nacional, o prémio que lhe fôra prometido pelo Presidente do Conselho, em memorável discurso, que traduzia o reconhecimento de intenções e obras passadas como de utilidade pública; tanto o assunto andou na boca e no pensamento de toda a gente, e agora, que a realidade é imediata, as referências resumem-se a escassa meia dúzia de linhas de um comunicado oficial.

A inauguração do Estádio Nacional é dia grande para o desporto português e o nosso dever de orientadores, como o de todos os dirigentes e praticantes, impõe que se lhe proporcione o maior realce, dando-lhe todo o vulto que merece — a divulgação necessária para prender a atenção pública e demonstrar que não são ingratos os desportistas e organismos desportivos cujos representantes foram, há doze anos, pedir a Salazar as instalações que seriam o coroaamento glorioso de meio século de trabalhos isolados e incompreendidos.

O festival do dia 10 de Junho está a ser preparado por uma comissão que assegura absoluta garantia de brilhantismo e grandiosidade ao programa elaborado. O desfile dos representantes das colectividades desportivas, com seus estandartes desfaldados, vai ser de dominância imponente e, também, de significativa simbolismo; a parada ginástica, em que tomam parte 3.500 filiados da Mocidade Portuguesa, terá a beleza espectacular das grandes exhibições de conjunto, ao mesmo tempo que porá em evidência o apuro e o desembaraço que a prática da educação física trouxe para a nossa juventude.

Estas e outras demonstrações colectivas, as quais menos precisamente constam dos projectos, constituem a parte protocolar do programa e os seus elementos de carácter colectivo, cuja preparação requiere cuidadas atenções e por isso foi iniciada com a antecedência que permitiu a sua divulgação; mas seria interessante dar também a conhecer desde já ao público e aos próprios desportistas possivelmente chamados a desempenhá-lo, o programa de provas propriamente desportivas que, embora mais com o cunho de demonstração do que de competição, com certeza figuram no plano estudado para a festa de 10 de Junho.

Tanto quanto é lícito supor, serão o futebol e o atletismo as modalidades a cujo concurso se recorrerá: o futebol, muito logicamente, porque é de todos os desportos aquele que em Portugal conhece maior expansão e popularidade e ao qual cabe por isso o direito legítimo de estrear o magnífico tapete relvado; o atletismo, porque é universalmente consagrado o primeiro dos desportos e porque a sua presença estava implicitamente admitida desde que começou a construção da pista, como elemento indispensável na contextura do magesto recinto.

Supomos, ainda dentro da lógica, que as características indispensáveis num festival essencialmente cerimonioso obrigam a circunscrever a parcela de actividades desportivas dentro de limites escassos de aproveitamento de tempo. Subordinado a este critério, o programa de atletismo terá de ser com certeza reduzido quasi à proporção de uma presença alegórica: poderá resumir-se até, se melhor não puder ser, ao preenchimento do espaço morto que é o intervalo do jogo de futebol.

Dez minutos chegam para correr cem metros, mais um quilómetro e uma estafeta de velocidade. Mas lembramos que quaisquer provas — estas ou outras corridas que se prefira — não podem ser improvisadas para os atletas escolhidos, todos ainda em período de aperfeiçoamento de forma.

responde ao nosso inquérito sobre a educação física e desportiva da juventude e preconiza a independência do desporto universitário

O inquérito a que estamos procedendo nas páginas desta revista, sugerido pela campanha que a «Mocidade Portuguesa» lançou, por todo o País, em propagação da educação física e da sua interferência na vida nacional, foi orientado em nosso espírito, logo ao traçar-lhe o programa, de maneira a abranger todos os sectores de actividade da juventude e poder, assim, contribuir para o conhecimento de tendências e de necessidades do meio e do momento.

A influência directa da «M. P.» abrange, em princípio, os estudantes de todos os escalões sucessivos do ensino, mas na realidade dilui-se à medida que estes avançam — e não logrou obter ainda, nos centros universitários, acção eficiente.

Estava, portanto, naturalmente indicado que procurássemos recolher o testemunho das entidades melhor avaliadas sobre essa questão da educação física universitária e suas relações com a «M. P.» Neste sentido nos dirigimos aos srs reitores das Universidades do Porto e de Coimbra, apoiada a nossa deligência pela própria «Mocidade Portuguesa», que se dignou patrocinar o inquérito da *Stadium* neste particular.

Assim podemos hoje inserir, nesta série de tão notáveis depoimentos, a opinião valiosa do professor dr. Adriano Rodrigues, reitor da Universidade do Porto, à qual se seguirá, na semana próxima, a do dr. Maximino Correia, reitor da Universidade de Coimbra.

A estes dois insignes pedagogos, em primeiro lugar; ao sr. capitão Celestino Marques Pereira e aos srs. delegados provinciais, cap. Eduardo de Romero e dr. Domingos Rebelo, prestamos reconhecida homenagem pelo acolhimento dispensado às pretensões da *Stadium*.

Na impossibilidade de contacto directo, a entrevista transformou-se em puro inquérito: por intermédio do sr. capitão Eduardo de Romero formulámos ao sr. professor Adriano Rodrigues algumas perguntas sobre o assunto visado, as quais precedem, no texto que segue, respostas do mais alto interesse, redigidas pelo ilustre reitor dos universitários portuenses.

*

— Qual a vossa opinião sobre as vantagens da Campanha Nacional de Educação Física da «M. P.», resultados dela a esperar e objectivos mais precisos de atingir por seu intermédio?

— Toda a propaganda bem orientada, sobre educação física, é merecedora de louvor, pois em Portugal ela ainda não é objecto do culto a que tem direito — como factor primordial da saúde de um Povo. Como já afirmei em artigo que a seu respeito me foi solicitado, a Campanha é digna do meu caloroso aplauso; ela abrirá o caminho futuro à realização de futuras medidas e iniciativas tendentes ao progresso de tão importante ramo da educação. A enorme ressonância da grande imprensa muito pode contribuir para tal desideratum.

— Como considera a necessidade de organização da educação física universitária? Qual o papel a desempenhar pela «Mocidade Portuguesa»?

— Julgo altamente vantajoso incluir nos programas da vida universitária os exercícios de educação física, ou sejam os desportos e a ginástica. A «Mocidade Portuguesa» pode, pela elevada competência dos seus órgãos superiores de comando especializados, coadjuvar benéficamente em tal realização.

— Quais as directrizes que entende convenientes para a propagação da educação física na Universidade, sobretudo no aspecto ginástico?

— Julgo que algumas palestras e conferências, feitas por pessoas esclarecidas, a exibição de filmes em que figurem jogos e competições de equipas universitárias estrangeiras e a distribuição gratuita, pelos estudantes, de brochuras que contenham estudos bem elaborados e elucidativos sobre as vantagens consideráveis da educação física, poderiam constituir excelentes meios de propagação. Quanto ao aspecto ginástico, suponho que a abertura de um curso voluntário e gratuito, dirigido por pessoa competente, — com a sua apresentação pública no final — seria forma interessante de propagação, depois de terem surtido efeito, é claro, as formas indicadas na resposta anterior.

— Como aprecia a influência da «Mocidade Portuguesa» na educação da juventude, nomeadamente na sua educação física?

— Julgo que é grande a influência da «Mocidade Portuguesa» na educação da juventude — e que muito maior poderia ser se esta instituição fôsse melhor dotada orçamentalmente. Sendo a mocidade a flor da raça e a garantia da continuidade da nação, parece-me que todo o ouro que se desperdiçar com ela, seja na educação física, seja na sua melhor preparação para a vida real, só reverterá, recuperada com juros imensos, em favor do progresso da colectividade.

— A divulgação das práticas da educação física tem exercido alguma acção evolutiva sobre a mentalidade e costumes das novas gerações?

— Das respostas anteriores depreende-se já o que penso a este respeito. Creio, todavia, poder afirmar que muitos rapazes foram benéficamente influenciados e estimulados à prática das normas da educação física, devido à «Mocidade Portuguesa».

— O desporto universitário deve possuir organização própria, orientada pela «M. P.», ou será preferível deixá-lo ligado ao desporto clubista e federativo?

— Sou da opinião de que o desporto universitário deve ter organização própria, embora orientada pela «Mocidade Portuguesa». A sua integração no desporto clubista e federativo far-lhe-a perder a mais bela das características: a nota académica — a homogeneidade espiritual, aquele sentimento de independência própria dos largos horizontes da cultura universitária.

«Em conclusão, sou favorável inteiramente à integração da educação física nos programas universitários. Vivendo independentemente mas sob a orientação e com a coadjuvação da «Mocidade Portuguesa», devem os programas dos cursos, muito sobrecarregados, ser reajustados no sentido de dar tempo à inclusão daquela. Deve cada Universidade ter o seu campo de jogos privativo. Finalmente, deve a «Mocidade Portuguesa» ser dotada de amplos recursos que lhe permitam facilitar a todos os estudantes universitários de modesta condição a aquisição do equipamento inerente à prática dos desportos e demais exercícios físicos. Seria mesmo, talvez, esta a melhor forma de os levar mais facilmente a entrar neste novo mundo.»



DR. ADRIANO RODRIGUES
reitor da Universidade do Porto

AS RAPARIGAS do GRANDELLA

SÃO ENTUSIASTAS PELA GIMNÁSTICA...
... E OS RAPAZES DECIDIRAM IMITA-LAS

TODAS as manhãs, sósinhas ou em grupos risonhos que enchem de mocidade o passeio, elas afluem de todos os lados ao edifício dos populares armazéns — e ao fim da tarde debandam, da mesma forma, em busca dos seus filhos, sempre alegres, desembaraçadas, satisfeitas por um dia de trabalho — que é vida — para muitas delas voluntária e entusiasticamente completado por uma lição de boa ginástica — que na vida é saúde e bem estar.

Belo exemplo, porque espontaneamente mantido, porque significa inteligente compreensão de interesses próprios, infelizmente muito rara em Portugal, e ainda porque os resultados se podem apontar como testemunho das vantagens que a educação física propociona às mulheres, quando a adoptam em orientação consciente e a aceitam com entusiasmo e persistência. As raparigas do Grandella fazem ginástica! O caso não deve ser novidade para muitos leitores, que se recordam, talvez, do seu triunfo no concurso organizado, em 1940, pela F. N. A. T., no Pavilhão do Parque; mas surpreenderá a maioria saber que o curso se tem mantido, apesar de tódas as dificuldades, e que a chama animadora se ateou sempre na entusiástica vontade das alunas.

A classe funciona, ao presente, com meia centena de inscrições, dirigida pelo professor tenente Alberto Marques Pereira, que dela tomara encargo quando da sua criação; a partida do mestre estimado para os Açores, em cumprimento de deveres militares, não arrefeceu o interesse das praticantes, que prosseguiram trabalhando sob a égide da F. N. A. T. e orientadas pelo professor capitão Carpinteiro, exibindo-se diversas vezes,



harmonia de gestos que se diria serem movidas tódas pelo mesmo impulso animador.

Quando há um momento de descanso, ou qualquer interrupção para explicações ou exemplificação correctiva, então tódas elas têm que mexer, para corrigir a blusa, que «perdera o seu alinhamento» com a amplitude dos movimentos, ou para arrumar uma madeixa rebelde que abandonou sem autorização o lugar que lhe estava assinalado... Mas a voz de sentido é de efeitos imediatos: ei-las de novo apumadas, fixas, à espera do comando, para prosseguirem convictas os seus exercícios ginásticos.

Não é preciso ser-se profundo observador para reconhecer que as raparigas do Grandella fazem por gosto a sua lição de ginástica; nota-se em tódas — foi o que melhor nos impressionou — perfeita comunhão de esforços com a vontade do professor, entusiasmo comunicativo que, de lacto, já foi contagioso, visto ter arrastado com o seu exemplo alguns camaradas, que frequentam também, com assiduidade comparável, a classe masculina criada já há anos — mas depois de desenvolvida a classe feminina.

O professor Alberto Marques Pereira prepara nesta ocasião as classes — as quais ambas dirige — para próximas exibições públicas; se o leitor aprecia a beleza da ginástica damos-lhe um conselho: quando vir anunciada a apresentação da classe feminina do Grandella, vá assistir, que nos agradecerá o conselho. E dê às executantes o incentivo dos seus aplausos, porque bem o merecem...

Salazar Carreira



sempre com merecido agrado. Hoje, o curso é independente e, fiel às suas tradições, prepara-se para novos êxitos, a que em breve assistiremos.

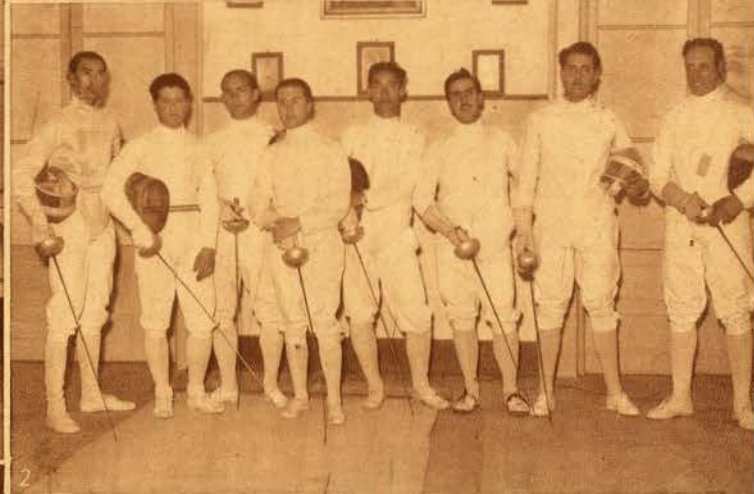
As aulas são ministradas no próprio edifício dos armazéns, no último andar, onde naquêl instante o sol em declínio ainda espreita pelas janelas; as alunas, com seus equipamentos garridos, mudaram de aspecto, estão irreconhecíveis. Na rapariga apumada e desembaraçada, que encabeça uma das fileiras da classe, ninguém indicaria a empregada franzina e modesta que há algumas horas nos vendia perfumes, a pensar já, talvez, na satisfação da ginástica, cuja lição se aproximava.

O professor comanda com voz amiga, corrigindo pormenores, exemplificando movimentos, cadenciando ritmos — e o grupo das gymnastas executa com aprumo e convicção, em perfeita disciplina consciente, com tal



ACONTECIMENTOS DA SEMANA

ESGRIMA: 1 — A equipa do Sport Clube do Porto (a contar da esquerda: C. Correia, M. Neto e L. Retumba) vencedora do torneio em que se disputou a taça com o nome da sua sala de armas; 2 — Os concorrentes à prova oficial e 3.ª categorias de espada, NAS BODAS DE PRATA DO LISBOA GIMNASIO: 3 — O sr. General Carmona entregando a Felix Bermudes a medalha que lhe foi atribuída; 4 — O Chefe do Estado presidindo à sessão solene, rodeado dos desportistas do L. G. C. que foram homenageados. O CINQUENTENARIO DO OLIMPISMO MODERNO: 5 — Aspecto da sessão efectuada na Sociedade de Geografia e que foi largamente concorrida; 6 — Os notáveis esgrimistas olímpicos dr. Rui Mayer e João Sasseti, que se exibiram naquela sessão



No Campeonato Nacional

A vitória do Vasco da Gama colocou os grupos de Lisboa e Coimbra no primeiro plano da classificação

APÓS a realização dos jogos da 4.ª jornada do campeonato nacional, os grupos ficaram assim ordenados: Carnide, Conimbricense e Unidos, 6 pontos; Vasco da Gama, 4; Belenenses, 2; e F. C. Porto, 0.

Era, por certo, esta jornada a que mais ansiosamente se esperava, devido ao facto dos campeões de Lisboa, ainda sem derrotas, de frontarem os da capital do Norte.

Ainda está na memória de todos os que assistiram, no Pôrto, à final do campeonato de Portugal em 1943, o brilhantismo com que foi disputada a última partida oficial entre estes dois grupos. E porque tanto o Carnide como o Vasco da Gama têm tradições a defender, daí a importância deste encontro. Desta vez os vascinhos venceram, aproximando-se assim do lugar principal de que tão arredados andavam. A sua primeira vitória, sobre um clube pertencente a uma Associação diferente da sua, alceira-lhe a esperança duma classificação honrosa.

Em Coimbra, os campeões locais obtiveram outra vitória, desta vez sobre o F. C. Pôrto. De novo no lugar de honra, em igualdade de pontuação com duas equipas da capital, Carnide e Unidos, os conimbricenses continuam a afirmar a sua inegável classe, marchando com passo firme por este campeonato. A partida que esta semana disputarão com os campeões nacionais poderá decidir das suas pretensões ao título máximo.

Menos feliz tem sido a equipa do F. C. Porto, ainda sem vitórias. É cedo, no entanto, para se fazerem quaisquer vaticínios, visto faltarem ainda seis jornadas.

Com começo fulgurante por parte dos azuis, pareceu que o encontro com o Unidos viria a revestir-se de certo brilho — mas os desentendimentos, que uma vez mais superaram toda a possível boa vontade dos jogadores, fizeram que a bela toada do grupo de Belém desaparecesse.

A saída de Esteves, que aliás teve excelente actuação, veio enfraquecer a defesa «azul» — e o afundamento da equipa foi completo. Por sua vez, o Unidos garantiu a vitória e perante um adversário que pouca resistência passou a oferecer, desinteressou-se do encontro, que terminou, assim, no meio do alheamento geral.

No entanto, até aí a partida valeu bem pela energia com que foi disputada; o resultado traduz as melhores possibilidades de transformação nos lançamentos operados pelos atacantes dos dois grupos.

De facto, enquanto o Belenenses, tal como contra o Carnide, insistiu apenas nos lançamentos de longe, sujeitos, porisso, em maior grau, ao factor sorte, o Unidos aproximou-se mais do cesto e as suas possibilidades de marcação foram portanto maiores. Foi assim que Gil e Marques puderam avolumar grandemente a pontuação do Unidos, ao passo que no adversário só Ceia, devido a insistências continuas, conseguiu transformar seis cestos directos. É mal já antigo do Belenenses não saber aproveitar os deslizes da defesa adversária.

A vitória do Vasco da Gama

TEVE incontestável merecimento a vitória do Vasco da Gama sobre o Carnide. Embora o triunfo tivesse sido conseguido quasi no final do 2.º tempo, representou o prémio da boa vontade e do espirito de equipa bem compreendido. A derrota do Carnide em nada deminui o grupo da capital, que conta no Pôrto inúmeros simpatizantes.

Precisamente por não ter sido muito expressivo, o resultado representa o esforço dos vascinhos para arrancar o triunfo. Na 1.ª parte, o Carnide articulou melhor que o seu adversário, teve mesmo maior personalidade em campo,

mas não foi além de 14-13. No 2.º tempo, os lisboetas entraram a querer dominar, mas o Vasco da Gama recompos-se, conseguiu obter a vantagem de 26-25 e não mais o marcador deixou de oscilar até atingir o final com 33-29.

Entre grupos como o Vasco da Gama e o Carnide — duas equipas que sabem como se joga «basket», um resultado volumoso a favor de qualquer deles poderia indicar a inferioridade de um dos contendores. Por não ser assim, o «score» verificado corresponde realmente ao desenrolar do encontro.

Pode dizer-se que os campeões nacionais não viram tocado o seu prestigio de excelente equipa saindo derrotados. E como os valores individuais se equilibraram nos dois «teams», não há que pôr em relevo qualquer elemento. Arbitragem atenta e fácil.

Campeonato de juniores

INTEGRADOS nos jogos da 1.ª Divisão do nacional começou o campeonato distrital de juniores.

Tão desejada competição, indispensável ao progresso do «basket» português, deve ter o interesse e o carinho de todos. Para bem dos jovens praticantes é necessário ter bem presentes os seguintes princípios, que o público deve compreender: 1.º — por se tratar de principiantes, todas as faltas cometidas devem ser julgadas com rigor, a fim de logo, de início, os futuros jogadores se compenetrarem do espirito da modalidade; 2.º — os jogadores são amigos entre si, que praticam o desporto com o mesmo fim, embora por clubes diferentes; tal deverá ser o seu pensamento em campo e fora dele; devem ser pois impossíveis atitudes incorrectas e gestos censuráveis; 3.º — o público deve limitar-se a aplaudir o jogo desenvolvido; o hábito, já velho, de incitar os jogadores à prática de actos anti-desportivos, deve ser bando, pelas nefastas conseqüências que advirão no futuro; 4.º — as decisões do árbitro são soberanas; criticá-las é trabalhar em desfavor do desporto e em prejuizo do respeito que os jogadores devem ter pelo juiz.

Nos jogos da 5.ª feira, Belenenses e Moscavide venceram Futebol Benfica e Lisgás. Excelentes as equipas vencedoras, em especial a do Moscavide. Realmente, estes rapazes, de pequena estatura, domingaram em todo o 1.º tempo, enquanto o fôlego lho permitiu; mais atlética, a equipa de Lisgás praticou «basket» vistoso e bem urdido como talvez alguns grupos divisionários não conseguem exibir.

Do Belenenses merece realce o sector defensivo. Em geral, qualquer dos grupos mostrou dificuldade em agarrar a bola, levando-a multíssimas vezes ao peito.

De reprovar, o desinteresse com que o público recebeu as equipas, ao entrarem em campo.

ANO XII — Lisboa, 17 de Maio de 1944 — II SÉRIE-N.º 76

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e Impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O Pôrto ganhou o campeonato nacional da «Mocidade Portuguesa»

AS equipas do Douro Litoral (Liceu Alexandre Herculano) e da Estremadura (Liceu Gil Vicente) disputaram domingo, no Pôrto, a final do Campeonato da M. P., ao qual apenas estas duas provincias concorreram; mas os portueses reuniram sete equipas, quatro na categoria A (16 aos 18 anos) e mais três na categoria B (19 aos 21 anos), ao passo que o grupo representativo de Lisboa foi o único que se apresentou na sua região.

Esta indicação diz tudo quanto à forma como decorreu o encontro e explica o expressivo resultado de 13-1 conseguido pelos rapazes portueses: foi a luta de uma equipa experiente e aguerrida contra um grupo extraordinariamente animoso, com «sentido teórico de jogo, mas estrepante e incapaz de realização pratica ante a baliza.

No grupo vencedor, onde alinharam elementos que fazem parte de primeiras categorias no campeonato clubista, houve poder de remate e aquele «saber só de experiência feito» que é o resultado dum torneio regional asperamente disputado; a equipa derrotada nunca havia defrontado qualquer adversário e fez a sua estreia de competição nesta final do campo do Bessa.

No entanto, é de justiça render-lhe homenagem pelo seu nobre desportivismo, sabendo perder com alegria e acabando a partida com maior entusiasmo e vontade do que começara. Durante o segundo tempo, de nítida melhoria na sua acção, os lisboetas atacaram mais e melhor, mas nunca souberam concluir. Bastu u, porém, o seu permanente desejo de ataque para dar à partida ambiente de interesse, que mais agradável se tornou pela impecável correcção de todos os jogadores.

Foi, para os representantes da Estremadura, possivelmente, uma lição severa — mas também uma prova que devem tomar como incentivo, na esperança de uma desforra que é para eles questão de trabalho afinçado.

Acabou o Campeonato de Lisboa

TERMINOU, no domingo, com as classificações já conhecidas, o 13.º campeonato de Lisboa, que foi para o Unidos número de sorte.

A jornada de encerramento tinha como principal motivo de interesse o encontro entre os dois melhor situados na prova, o que, embora nada pudesse influir para a posição por ambos já antecipadamente ocupada, captava as atenções como testemunho de valor relativo no momento em que vão ser chamados a empresa de maior responsabilidade.

A partida terminou empatada a 5 bolas e teve bastos motivos de agrado, pelo empenho na luta e pela indecisão emotiva do resultado; assim, o Unidos consegue terminar o campeonato sem ter sofrido derrota e o Sporting afirma consideráveis progressos de forma, levando a bom termo a segunda volta da prova, também sem haver conhecido o amargo travo do desaire.

O encontro de segunda categoria entre os mesmos clubes, também de importância fundamental para a atribuição do título, concluiu pela nítida vitória dos «leões» por 7-2, obrigando à marcação dum novo encontro de desempate para conhecimento do campeão. O Sporting tem particular interesse no triunfo, pois sendo o sexto consecutivo — terceiro depois do último trofeu que lhe foi atribuído — garante-lhe a posse definitiva de nova taça, que será a terceira que conquista na categoria.

Os restantes encontros terminaram com as decisões esperadas: o Marvilense derrotou copiosamente o Internacional; o Estoril bateu o Benfica, graças ao arranço inicial porque no seguimento do jogo as forças nivelaram-se; o Belenenses ganhou a «Os Treze», com certa dificuldade e a marcação de 8-6 é significativa quanto ao trabalho dos atacantes e das defesas.

No próximo número comentaremos o aspecto geral da prova, que ficará entre as melhores disputadas em Lisboa.

ESSECE

NAO é por mero acaso que, em toda a parte, no conjunto de uma época, se põe como fecho uma competição *ao deita fora*, em dèstes torneios propício às fortes emoções e aos maiores entusiasmos, quanto não às chamadas *surpresas* — o verdadeiro sol das competições.

Os campeonatos em *poule* são pachorrentos. Criam hábitos. Os erros ou os deslises podem ser resgatados. De sorte que, na altura em que a maioria dos adeptos já se acostumou ao ramerrão, chega o torneio estimulante, dizendo que o mundo da bola tem sempre coisas diferentes, que não há dois desafios iguais, e que o *mesmo encontro* difere de torneio para torneio. Quem diria que aqueles dois *teams* que se defrontaram no Campo Grande, plétóricos de energia, mas com uma nobresa de luta que coloca alto, como ética, o valor do futebol português, eram os mesmos que vimos há tempos, em Santa Cruz, com a energia transformada num sentimento a que poderemos chamar ódio?

Verdade seja que, como temos vincado, as duas mãos em cada eliminatória varrem do caminho da competição o perigo da surpresa, tudo se passando, portanto, sem grandes sobressaltos nem demasiadas apreensões. O coração do adepto não chega às altas tensões. Tudo em holocausto ao factor *economia*, um aspecto de tal modo preponderante que consegue — tanta vez — subjugor o próprio lado desportivo das competições. Desta feita, porém, já nas meias-finais, dois resultados tão volumosos como os de domingo passado não devem contribuir para a alegria das finanças.

O que importa vincar, e isso fazêmo-lo com grato prazer, é a qualidade do futebol que se está a produzir em Portugal, neste findar de temporada. Numa altura em que se desculpria o cansaço e a sua influência no jogo, os *teams* mostram *forma* técnica notável, e entusiasmo de começo de época, dois sintomas que cumpre colocar em lugar de honra.

Não se pratica jogo simplesmente mecanizado, mas vestem-se todas as jogadas de um esforço e de uma coragem que alguma coisa representam. O jogador português de hoje, mais aperfeiçoado e submetido a orientação científica dentro do terreno é, afinal, o mesmo jogador de ontem, este com individualidade talvez mais marcada devido à maior liberdade de movimentos. Mas, quem tem gana e qualidades, no presente como no passado, não pode fatalmente deixar de se distinguir da vulgaridade.

Já próximo do fim, esquecidas algumas cenas anteriores, salienta-se a correção posta pelos contendores na luta, e o facto de chegarem à *final* — tudo diz que assim seja — dois *teams* lisboetas, indicação clara de que o primado de Lisboa ainda tem longa vida...

A Académica gosta de lutar de dentes cerrados, e isso, quando na justa medida, parece-nos uma grande qualidade. Mas se o adversário se chama Benfica, então os jogadores de Coimbra vão para o campo em plano puro de amadores, isto é, jogando os músculos, os nervos e os sentidos, com espírito de sacrificio.

Assim foram, d-sta como das outras vezes, para o campo. Vencidos embora, merecem amplamente que se lhes diga que jogaram como amadores. O *team*, no entanto, apresenta as mesmas unidades de sempre, o que nos diz que o viveiro da Universidade não descobre valores. E ou nos enganamos muito, ou brevemente se têm de se dar a essa tarefa — forçada...

Como luta, a primeira parte, pelo equilíbrio das forças em presença, foi a mais bela, e até porque, nesse período, conseguiu dar-nos a Académica várias jogadas do melhor tipo. A vocação do jogo dos estudantes é para a fórmula da *bola rasteira*, tocada de pés para pés, com efeito — chegando, portanto, a admirar que, sendo assim, o grupo se metesse a levantar a bola, na hora da amargura, como que mancomunado com o adversário. Sempre que em jogo rasteiro, os homens da Universidade reconstruíram jogo límpido, claro, de pureza, recordando-nos o futebol da Europa Central.

Para a beleza desse futebol geométrico ou linear contribuiu poderosamente um homem que é das melhores formações futebolísticas do país. Referimo-nos a Alberto Gomes que, enquanto inteiramente válido (um entor-e cortou-lhe inesperadamente o altaneiro vivo e isso teve consequências no desenrolar do encontro) traçou no terreno as melhores passagens, tanto em pormenor, como em visão de

«Taça de Portugal», o último torneio

Benfica e Estoril Praia

perto da «final»

devido ao seu brilhante comportamento

por TAVARES DA SILVA

conjunto, sendo de pôr em relêvo o seu serviço à *ponta* com o pé contrário. A roda do tempo devia parar para certos e determinados elementos.

Mas o jogo, desde o primeiro instante, tinha sido de vivacidade singular, obrigando aos maiores sacrificios de força e fôlego. Não podemos dizer quem deu à partida tão veloz movimentação. Talvez os dois antagonistas — pela lei que manda forçar a marcha, de início, para conter em respeito o outro dos contendores. Fôsse como fôsse, não há dúvida que o Benfica, na fase em que o abrandamento seria recebido de braços abertos pelos estudantes, não consentiu no que chamaremos abaixamento de tom, insistindo, por sua vez, na velocidade do golpe e na fórmula do ataque. Passada a meia hora, o Benfica afirmava-se a melhor

devidamente os postos de ataque. Mas esta ligação, submetida ao poder da metralha, foi-se quebrando aos poucos e diminuindo a eficiência.

Quando a linha avançada do Benfica, apoiada excelentemente por médios uteis e singularmente eficazes, caiu a fundo, ziguezagueando em frente das rédes, em movimentos imprevisíveis e impressionantes, viu-se com clareza, mas uma vez, o valor do ataque dos *diabos vermelhos*, que ninguém sabe, ao certo, para onde mandam a bola, que aparecem em todos os lugares e que dão saltos prodigiosos de agilidade, rematando em qualquer posição e condições, mais rápido do que leva a contar-se, colando a bola nas rédes antes dos *defesas* levantarem os pés — e sempre com o mesmo poder de remate, quando marcados ou desmarcados. O resultado verificado no Campo Grande, por tudo isto e ainda pelo muito que fica por dizer, não podia ser diferente do que foi.

O Estoril Praia prossegue a sua vitoriosa carreira. O grupo revela um *sentido prático* de jogo que impressiona. Tem a marca Augusto Silva. Não se perde em bonitos, nem em jogadas ociosas. Caminha para as rédes com certa facilidade e desembaraço: poucos *passes* chegam para o efeito, na certeza de que dentro da área da verdade, o remate não se fará esperar. De resto, os seus avançados são muito dextrós. Ai do adversário que tiver um deslize, porque essa falha será explorada, e quicá aproveitada, por avançados oportunistíssimos, sempre com a imagem do *goal* no pensamento...

Mesmo sem estermos em Guimarães, não é difícil ver que algumas das bolas marcadas pelo representante lisboeta são exemplos que ilustram o que deixamos afirmado e que justificam ainda o volume dos *goals*!

Todo o *team* correspondeu na idéa geral de jogo e na sua movimentação global. Certo, o Vitória de Guimarães, pondo mesmo à margem o resultado, não foi um adversário fácil. A equipa chegou a distinguir-se na construção das jogadas e no plano de ataque. Mas, por um lado o pouco desembaraço do remate, e por outro a solidez da defesa do Estoril, segura e bem penetrada dos seus deveres, e dos deveres do jogo, não consentiram na marcação nem do *goal de honra*.

Conclusão: temos por certo na liça Benfica e Estoril Praia, um grupo já acostumado a *finais* e aos grandes feitos, e outro a quem é dada a primeira grande e bela *chance* da sua vida. Verdadeira *final* em perspectiva.

HABILITADO
O CHAPEU
INCONFUNDIVEL
Rua do Carmo 93-95 LISBOA
ETD

equipa no terreno, com uma superioridade que lhe permitia encarar o futuro com sócego. A sua mecanização, a ligeireza do grupo, o seu poder de ataque, ganhavam o ascendente necessário para justificar a posição de vencedor já no intervalo, posição conquistada em dois golpes sôbre a balisa, à base desconcertante de uma agilidade de circo e do aproveitamento maquiavélico das oportunidades.

A segunda parte veio confirmar inteiramente o *estado de jogo* revelado no câir do primeiro tempo. A Académica quasi que não tinha, então, veleidades de ataque, mas tão sómente o desejo de guardar um resultado que lhe desse ainda possibilidades futuras. Esta *idíia* académica facilitava ainda a tarefa benfiquense. E o Benfica, em plena florescência, impôs-se absolutamente ao adversário, conjunto por conjunto, célula por célula, unidade por unidade.

É de salientar o bom funcionamento de toda a defesa coimbrã, com um guarda-rédes confiante e a dar confiança, posto que escusadamente espectacular, e a sua ligação, cobrindo

No Pôrto

Uma palestra sôbre atletismo

EFFECTUOU-SE, no último sábado, na sede do F. C. Pôrto, mais uma palestra sôbre atletismo; desta vez proferida pelo sr. José Fontes, tesoureiro da Federação Portuguesa da modalidade.

Isto significa que a iniciativa da *Stadium*, promovendo a conferência anterior, a cargo do nosso estimado companheiro de trabalho dr. Salazar Carreira, veio agitar o meio no momento mais oportuno, não só pela inacção em que se encontrava e que ajudou a combater, como pela segurança que se verifica na nossa referida iniciativa.

A palestra do sr. José Fontes assistiu aveludado número de atletas do F. C. Pôrto. A reunião foi presidida pelo sr. João Silva, que representava a presidente da direcção do clube, dr. Cesário Bonito, tendo à sua direita os nossos camaradas dr. Salazar Carreira e Eduardo Soares, e à esquerda do ara. Roberto Machado, Ivo de Araújo e o conferente.

O tesoureiro da F. P. A. começou por fazer referência calorosa à obra do dr. Salazar Carreira pro-atletismo, como dirigente, técnico e propagandista, fazendo depois breve história dos tempos áureos que a modalidade viveu na cidade do Pôrto e evocando os nomes dos atletas norteños mais em evidência. Desenvolvendo o tema da sua palestra, concluiu por afirmar não encontrar explicação para o estado a que chegou o atletismo portuense e pediu, em seu nome e no da Federação, que todos se estorpassem, dentro de bom espirito de colaboração, pelo regresso aos prestigiosos tempos passados.

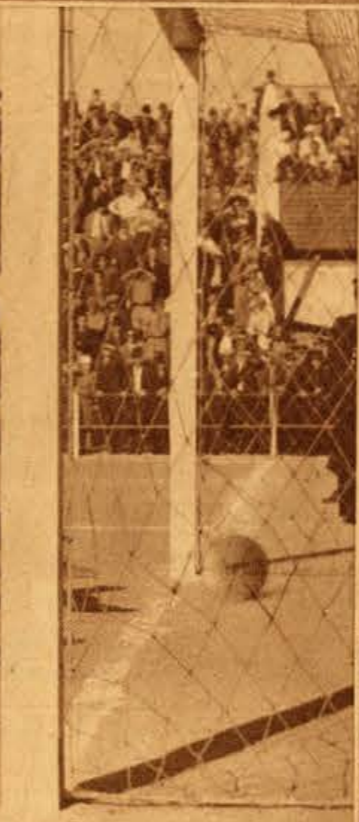
O sr. José Fontes ouviu, no final, calorosos aplausos



...ao passo que Valongo tem aqui uma intervenção de grande espectáculo...

EM GUIMARÃES: Machado defende desta vez sem dificuldade...

NO CAMPO GRANDE: Uma das arrojadas defesas de Acácio, sobre remate de Teixeira...



...como entrou o 6.º «goal» do Benfica...



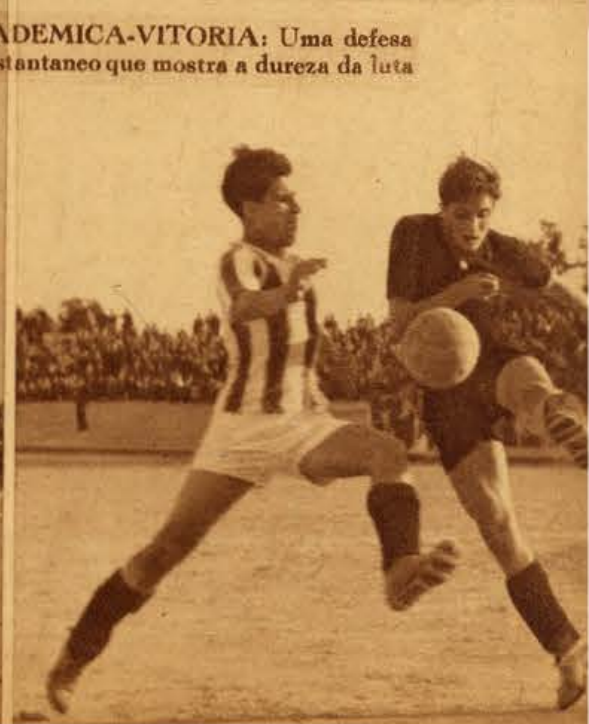
TAÇA de PORTUGAL
BENFICA e ESTORIL PRAIA
passaram folgadamente na 1ª mão das meias finais



Petrak marca o 4.º «goal» sofrido pelos vimaranenses no domingo



NO AGITADO JOGO ACADEMICA-VITORIA: Uma defesa de Idalecio (à esquerda) e um instante que mostra a dureza da luta



...e mais uma das muitas defesas de Acácio — em tarde admirável no domingo



A «IMPERIO»
 é a única Companhia autorizada a cobrir os riscos derivados das práticas desportivas. Seja previdente, adquirindo uma apólice da

«IMPERIO»
 — a Companhia de Seguros que dispõe de maior capital.

COMPANHIA DE SEGUROS
 IMPÉRIO
 Rua Garrett, 54 LISBOA

Vamos aprender como se joga?

II — Algumas noções sobre o pontapé

A faculdade de agarrar a bola com as mãos no decurso das evoluções do jogo, é a principal característica do «rugby» e não se compreende, portanto, que qualquer jogador o não faça com desembaraço.

Embora o caso seja frequente, é festimundo de incúria na preparação individual, porque o maneio da bola de «rugby» require prática e adestramento; quem lhe pega pela primeira vez sente-se pouco à vontade para a transmitir a um companheiro — e mais embaraço do ainda para dela se apossar, tantos e tão inesperados são os enfiados ressaltos que a sua forma alongada provoca.

O defeito que mais vulgarmente se nota nos principiantes é a passagem com os braços hirtos e sem rotação do tronco, o que a torna incerta em força e direcção. É necessária bastante experiência para entregar e receber a bola em plena corrida, com segurança e sem afrouxar o andamento; exige grande flexibilidade, perfeita descontração e exacto sentido de equilíbrio.

Em todas as sessões de treino devem os jogadores executar, em corrida, um certo número de passagens, variando-as dentro das muitas hipóteses possíveis — curtas ou compridas, altas ou baixas, apanhando directamente a bola atirada de pontapé, etc.

Não menos importante é saber apanhar do solo, com segurança, a bola que vem ou vai em movimento, isto é, a bola que se dirige para nós e que esperamos a pé firme, ou a que rola na nossa frente e atrás da qual corremos. Esta manobra é das mais difíceis de executar, pela irregularidade dos ressaltos da bola, consequência da sua forma oval, e ainda pela severa gymnástica muscular a que obriga.

Durante os treinos, o jogador lançará a bola rolando para diante e correrá atrás dela para a apanhar, primeiro lentamente, e, na razão directa da segurança adquirida, com velocidade crescente; o jogador, quando se baixa à bola, deve tê-la um pouco ao lado, nunca mesmo em frente, porque se arrisca a empurrá-la com o pé quando lança as mãos para a colher. Este exercício faz-se vezes sucessivas e correndo ao comprimento do campo: bola lançada, bola colhida; bola colhida, bola relançada, etc.

Para segurar bem com as mãos a bola que vem por alto, enviada de pontapé, é conveniente esperá-la com os ante-braços flectidos em ângulo recto, as palmas das mãos viradas para cima, os cotovelos coçados ao tronco. No momento preciso da chegada da bola flectem-se os ante-braços, fechando o arco com as mãos, por forma a prender a bola, de baixo para cima, entre o peito e os membros superiores dobrados. O movimento final das mãos evita que a bola se escape, por choque reflexo de encontro aos braços.

Se pensarmos na vantagem que obtêm as equipas pela execução de uma paragem directa, a qual se traduz pelo direito a um pontapé livre, mais se reforça no espírito a ideia da conveniência da segurança no encaixe da bola por parte de todos os jogadores.

Repetimos o que escrevemos no nosso primeiro artigo: o bom jogador de «rugby» necessita de igual e completa destreza na utilização dos braços e das pernas, pois no decorrer do jogo terá muito mais frequentes ocasiões de a pôr à prova do que a força e o peso, tão apreciados pelos que formam do jogo vulgar mas errado conceito.

O USO DO PONTAPÉ

O direito de usar do pontapé na bola é, salvo excepções de situação especial, permanente para o jogador de «rugby»; nada mais nefasto, contudo, para a regularidade do jogo da equipa, do que o emprego do pontapé para diante, dado ao acaso, entregando invariavelmente a bola ao adversário. Sobre o pontapé de estilo futebol, devolvendo directamente uma bola que vem rolando, é sempre de perigosíssimas contingências, pois a própria forma irregular da bola transfere esse acto tão simples num mistério de consequências.

Como regra, poderemos fixar que todos os pontapés aplicados no decurso da partida partem de jogadores que previamente se apossaram da bola com as mãos, os quais a podem despachar de duas maneiras: por choque directo ou de ressalto.

Para aplicar o pontapé directo segura-se a bola com as duas mãos, de maneira que o eixo maior fique paralelo ao eixo dos braços estendidos obliquamente para diante e para baixo, e deixa-se cair a bola, isto é, sem impulso ou desvios, batendo-lhe com o pé antes que ela toque no solo.

O pontapé de ressalto é de mais difícil execução: o jogador deixa cair a bola das mãos e bate-lhe com o pé no momento preciso em que ela ressalta do solo. A trajectória, elevada ou tensa, curta, ou longa, depende da posição em que o jogador deixar cair a bola para o solo e da forma de aplicação do pé. Em princípio, a bola deve cair de bico e com o eixo longitudinal no plano da perna, mas inclinada para traz, se quisermos que suba, ou para diante, se preferirmos que chegue longe.

Outra variedade de pontapé, o pontapé colocado, não é propriamente uma fase de jogada, pois só se aplica após uma interrupção do jogo, para tentativa de transformação de ensaio ou para execução de uma penalidade.

Das três variantes indicadas, é o pontapé directo aquê de mais comum aplicação e que deve ser treinado por todos os jogadores, até ser executado com desembaraço em corrida e alcançada a certeza na precisão do lançamento; é indispensável que a bola vá parar ao ponto visado.

Se o pontapé é dado para aliviar o campo em ocasião de ataque adversário, é indispensável dirigi-lo para a linha lateral, com a garantia de atirar a bola para fora do rectângulo sem possibilidade de intervenção dos jogadores do campo oposto. Caso contrário, a vantagem

(Continua na pág. 14)

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — O Internacional e o Benfica organizaram torneos de propaganda, de cujas provas saíram vencedores: 60 metros — Júlio Bastos («CfB»), 7 s.; Artur Dias («Benf»), 7 s. 4/10. 80 metros — Fernando Ferreira («Benf»), 9 s. 3/10. 120 metros — Júlio Bastos («CfB»), 14 s. 9/10. 250 metros — Júlio Bastos («CfB»), 31 s. 2/10. Artur Dias («Benf»), 32 s. 300 metros — Matos Fernandes («Benf»), 38 s. 700 metros — Ernesto Silva («CfB»), 2 m. 2 m.; José Tiago («Benf»), 2 m. 4 s. 2.000 metros — Adriano Gomes («Benf»), 2 m. 47 s. 2.000 metros — António Araújo («CfB»), 6 m. 20 s. 7/10. José Araújo («Benf»), 6 m. 30 s. **Comprimeto** — Francisco Correia («CfB»), 6 m. 15; Manuel Andrade («Benf»), 5 m. 88. **Altura** — Manuel Saito («CfB»), 1 m. 73; Fernando Mendes («Benf»), 1 m. 60. **Disco** — Jules Recognon («CfB»), 33 m. 89; Mário Reis («Benf»), 25 m. 63. **200** — Jules Recognon («CfB»), 18 m. 11; Armindo Outeiro («Benf»), 15 m. 11.

BOXING — Reataram-se, ante-onde, com uma renúncia de carácter popular a que nos reportaremos de espaço no próximo número, as organizações da Sala Central de Desportos, no Estádio Mayer.

CLICISMO — Martins Coelho, do Benfica, venceu o 4.º Circuito de Cascais, para corredores iniciados, percorrendo os 50 quilómetros do trajecto em 2 h. 5 m. 30 s. Classificaram-se a seguir: Santos Coelho, Sargalhos; José Camelo e Joaquim Pereira, Arroios; Armindo Silva, Iluminato; António Marques e António Tavares, Arroios; José Teixeira e Vítor Roquete, Cascais.

— Ao Desportivo de Arroios foi atribuída a taça «Mara Municipal de Cascais» e o Dramático de Cascais ganhou o troféu «Junta de Turismo».

FUTEBOL — A reserva do Benfica, apesar de empatar com o Atlético, por 3-3, na última jornada, ganhou a taça «Artur José Pereira». Outros resultados: Operário-Sporting, 3-2; Belenenses-Estrela Praia, 2-1; Unidos-Celinas, 2-1. **Classificação final**: Benfica, 39 pontos e 65-22; Belenenses, 33 p., 47-11; Unidos, 33 p., 37-26; Operário, 27 p., 26-53; Estrela Praia, 26 p., 43-41; Sporting, 25 p., 29-40; Chelas, 22 p., 20-50; Atlético, 10 p., 30-50.

— No desempate para a entrada na III Divisão da A. F. L., o Mirantense A. C., campeão promocional, ganhou ao Caravelos por 2-1, conquistando aquê direito, por mérito próprio.

— Nas meias finais do campeonato nacional de juniores (organização interessantíssima e de que nos ocuparemos, mais pormenorizadamente, no próximo número) o Benfica venceu o Atlético Marinhense, em Santarém, por 6-2, e o F. C. do Porto derrotou o Sporting de Espinho, em Viseu, por 2-0.

HOCKEY — No campeonato do Porto (III Divisão) registou-se um resultado deveras sensacional: 21-2 do Gaia à Académica de Espinho.

HIPISMO — Na segunda «poule» da «Retiñão da Primavera», saíram vencedores: «Giovanni», com Miranda Dias; «Desquite», com Joaquim Júlio; «Avestruzes», com Trassavos Lopes; e «Sheerazade», com Adellou.

HOCKEY EM PATINS — O Liceu de Cambes venceu o campeonato da «M. P.», Ala 2.

PATINAGEM — Nas Caldas da Rainha inaugurou-se, com uma interessante festa, o «rink» municipal.

TÊNIS — Inaugurou-se um «court» no Sporting, com um torneio dotado com a taça «Henrique Silva Azevedo», ganho pelo par Melo e Silva — E. Castro.

(Continua na pág. 14)

CURIOSIDADES...

A vida de Tex Rickard em poucas linhas

A vida é cheia de altos e baixos — diz o vulgo. E assim acontece, com efeito. A existência de Tex Rickard é demonstração inofismável de que não se enganam os que desta forma pensam. O famoso empresário de Nova Iorque conheceu momentos de desespero e viveu horas de intensa alegria e prazer.

Basta dizer-se que nasceu na miséria, chegou a milionário — e morreu pobre... Foi vaqueiro no Texas, pesquisador de pérolas na África do Sul e empresário em Nova Iorque.

Vale a pena contar a vida deste homem de espírito aventureiro. Tem geitos de novela...

Georges Rickard — este era o seu verdadeiro nome — nasceu em Kansas City, nos Estados Unidos, no ano de 1871. Pelo seu espírito irrequiato e também porque os primeiros anos foram vividos no meio da maior miséria, Rickard bem cedo se lançou em busca de melhores dias.

Aos dezasseis anos era vaqueiro nos ranchos do Texas. Descontente, breve partiu à procura de outra ocupação, não tardando em ser «ferrovião» em Entre-Rios, na Argentina.

Quis o acaso que, na cidade de Assunção, elle conhecesse Jack Johnson, na altura em que este ex-campeão mundial percorria a América do Sul.

O interesse pelo «boxing» e a avides de aventuras levaram Rickard a atravessar o Oceano. E então, na África do Sul, dedicou-se a pesquisador de pérolas.

Sempre insatisfeito, voltou para a América, onde o convívio com pugilistas e lutadores lhe sugeriu a ideia de ser empresário. Rickard encontrara a celebridade. Joe Gans e Battlin Nelson foram os primeiros contratados. A seguir, uma organização de vulto, o combate Jim

Jeffries-Jack Johnson, que lhe deu o lucro de 100.000 dollars — perdidos na mesma noite... ao jogo!

Depois, outra iniciativa: a luta Willard-Dempsey, com certa faceta anedótica, que é interessante recordar. Rickard, tendo à sua volta alguns jornalistas desportivos, quis que cada um indicasse qual a importância que no seu entender deveria ser atribuída a Dempsey. E no fim, somadas as verbas que cada um alvitrava, foi a totalidade (27.500 dollars) que coube ao que viria a ser campeão do mundo.

Verdadeiramente lançado como empresário, Rickard projectou e levou a cabo a luta Dempsey-Carpentier, para a disputa do título de campeão do Mundo. Para tal, fez construir propiamente um estádio, no qual gastou uma quantia fabulosa. Mas o lucro foi compensador: mais de 1.500.000 dollars.

Animado com os êxitos alcançados, teve ainda outras iniciativas de larga projecção, como o encontro Tunney-Dempsey. Revelou excelente visão dos negócios, conhecendo como poucos o segredo da publicidade.

Fôram seus predilectos Jeffries, Dempsey e Firpo. Sempre generoso e incapaz de recusar um favor a quem d'ele se acercesse, Rickard tornou pouco menos do que efêmera a sua grandeza e opulência. A fortuna foi diminuindo de tal modo que em 1929, em Miami Beak, na Flórida, Tex Rickard, vítima de uma peritonite, faleceu na miséria, assistido, então, por Jack Dempsey.

Eis, em poucas linhas, o que foi a vida do maior empresário de todos os tempos — o homem que fez do «boxing» um dos maiores negócios proporcionando a fortuna a centenas de pessoas...

Começou a época de espada

Coisas que foram postas de parte entre nós, e que apparecem em execução em Espanha

com o torneio de terceiras categorias ganho por Pinheiro Chagas, da S. A. C. G.

A orgânica dos nossos grandes torneios de futebol foi largamente criticada, há poucos anos, em certos sectores da imprensa diária e da especialidade. O que se fazia então não prestava, por anacrónico ou por demasiado benefício para os clubes do primeiro plano. Fomos dos poucos jornalistas que discordaram da campanha. Para nós, que colaborámos algumas vezes, e em certos limites, na preparação e discussão dos respectivos regulamentos, considerávamos bom, ainda que não completamente perfeito, — porque não existe a perfeição absoluta — o que então se fazia.

Os problemas que suscitavam maiores divergências eram dois: a subordinação demasiada da estrutura da prova à necessidade das boas receitas; defeza exagerada dos clubes do primeiro plano, relativamente aos outros. Tínhamos de defender, em especial, o rigor desportivo da prova e era indispensável facilitar a revelação de novos valores. Na prática, tem-se visto que a base de qualquer torneio, enquanto for indispensável contar com os recursos próprios, está nas possibilidades financeiras da sua organização, e que os nossos valores, em clubes e equipas, não se revelam de um dia para o outro. Alguns dos argumentos aduzidos nessa altura — na altura que precedeu a remodelação dos regulamentos dos campeonatos nacionais e da «Taça de Portugal» — vão desaparecendo, ou vão-se anulando a pouco e pouco.

E o que é mais curioso é que algumas disposições sacrificadas na tal campanha e na referida remodelação, como coisas anacrónicas ou injustas, vão aparecendo em Espanha, onde a organização e expansão do futebol é absolutamente notável.

(Continua na pág. 14)

NOTAS DA SEMANA

O «Sport Lisboa e Benfica», semanário do popular clube lisboense, acaba de lançar uma ideia tão interessante como oportuna — homenagear o «onze» que deu aquele clube o primeiro trofeu de sua valiosa colecção com uma vitória que foi a primeira que o «Sport Lisboa» obteve contra os mestres ingleses do Carcavelos Club.

Na indicação dos nomes dos jogadores parece-nos, porém, haver erro. Reservamos todavia esta divergência de opiniões para um artigo especial sobre o assunto. O problema é curioso. E pode oferecer alguns elementos de interesse para a história do futebol.

O Sport Club do Pôrto, depois de dois saraus com a prata da casa, no Coliseu daquela cidade, prepara um grandioso festival com a colaboração de gente de Lisboa.

O clube escolhido foi o Lisboa Gimnásio. Uma classe masculina e uma equipa feminina, são dois «números» de valor, para o novo sarau, a realizar em 28 do mês corrente.

OS primeiros campeonatos de ciclismo deram um bom triunfo a um clube do norte — a vitória de Serafim Walgood, do Vilanovense, na prova de amadores juniores. O novo corredor do Vilanovense é uma esperança no ciclismo. Oxalá não se estrague, com os elogios — e com os aplausos...

OBJECTIVA é uma revista de fotografia que conta alguns anos de existência e tem no seu activo diversos concursos. Tem, pois, uma obra de valor no seu passado. O último número é excelente, em tudo — no repertório de indicações técnicas que inclui e na colaboração artística que insere. Algumas das gravuras são a cores. É um trabalho de relevo. «Objectiva» é digna da maior expansão.

I NTERESSANTE, sob diversos aspectos, este torneio oficial de terceiras categorias de espada: apareceram alguns novos que podem ter futuro, houve momentos de aceitável esgrima e tivemos a presença dos esgrimistas do Sport Clube do Pôrto — desportistas na verdadeira acepção da palavra e exemplo de dedicação pelo jogo das armas.

Aos seus companheiros da capital cabe pensar decididamente na obrigação em que se encontram de retribuir estas visitas dos atradores nortenhos. Além do bom serviço que os lisboetas podem prestar à propagação da esgrima, concorrendo a um ou mais torneios dos efectuados no Pôrto, contrafram o dever de conjugar os seus esforços e remover de vez as dificuldades que não têm consentido a realização, pelo menos, da taça «Sport Clube do Pôrto» na cidade invicta. Mais uma vez formulamos este voto — e oxalá o vejamos transformado em realidade.

O primeiro torneio da época de espada reuniu 18 atradores. Não se trata de número «record», mas corresponde a boa manifestação de actividade. À «Mocidade Portuguesa» coube, uma vez mais, o maior contingente: 5 atradores; o Sport Clube do Pôrto, o Hockey Clube e o velho Gimnásio inscreveram 3 cada; e o Centro e a Sala Carlos Gonçalves, 2.

O resultado da «poule» final não correspondeu, notoriamente, ao valor ou eficácia demonstrada por parte dos atradores presentes neste último grau da prova.

Se o jovem Pinheiro Chagas, da S. A. C. G., que totalizou vitórias graças à sua boa intuição, se aceita bem como vencedor, tanto mais que os adversários não lhe opuzeram o jogo indicado para a sua maneira de jogar, — Pinto da

Silva, do H. C. P. (2.º com 5-2), e Sepulveda de Figueiredo, do C. N. E. (3.º com 3-4 e 14 t. r.), ficaram, sobretudo o último, em posições demasiado lisongeiras. Pinto da Silva reapareceu conservando as mesmas qualidades e em aceitável forma, é certo, mas normalmente, e tendo em consideração a força de alguns dos finalistas, o segundo lugar não se ajusta com rigor ao jogo que exibiu. Quanto a Sepulveda de Figueiredo, a atrar por vezes francamente mal, mostrou-se inferior, não só sob o ponto de vista técnico como na condução dos combates.

Raul Worm, do G. C. P. (4.º, 3-4 15/14), fez uma prova devesas interessante até o momento em que dolorosa distensão o inferiorizou por completo. Correcto, bem colocado na guarda e com uma ponta certíssima, Worm merecia ter ido mais além. Sublinhe-se ainda o louvável espirito desportivo com que se manteve na prancha até conclusão da «poule».

Luís Retumba, do S. C. P. (5.º, 3-4, 15/13), mostrou este ano forma mais apurada, desenvolvendo melhor esgrima, decidido e com golpes por vezes de bom a-propósito. E pena que não tire mais proveito do alcance de que desfruta. Eis outro atrador que devia ter ficado em posição mais de acordo com a actividade desenvolvida na prancha. Humberto Rodrigues, da M. P. (6.º, 3-4, 16 t.), que fez como que a sua estreia em provas de espada, mostrou-se combativo e diligente, revelando ligeiro progresso.

Carlos Correia, do S. C. P. (7.º, 3-4, 17 t.), mostrou igualmente haver melhorado bastante desde a sua última visita aos torneios lisboetas, em especial no pormenor mecanização. Deve corrigir a sua posição da guarda, flexionando mais as pernas, e procurar cobertura eficaz do braço — que descobre demasiado. Luiz Beltrão, do H. C. P. (8.º, 1-5) — outro atrador em progresso. Nítida melhoria na concepção do jogo, maior rapidez e muito mais à vontade — e talvez maior infelicidade...

Como se vê, a maioria das classificações intermédias, a partir do 3.º lugar, foram resolvidas recorrendo aos toques recebidos e dados, devido à igualdade de vitórias e derrotas. Este pormenor, se não deixa de traduzir a aquisição material de posições indiscutíveis, ocasionou verificar-se menor justiça em relação ao mérito de alguns dos concorrentes, como já assinalámos.

Foram excluídos da final, no decurso das eliminatórias efectuadas: J. Vasques, do C. N. E., ainda muito inexperiente; Bustorff Silva, da S. A. C. G., que demonstrou possuir intuição digna de ser cultivada e cuja toada de jogo segue a característica dominante entre quasi todos os seus companheiros de sala; Luiz Mourão, da M. P., que dispõe de excelente físico e revelou habilidade digna de nota; Eduardo Neto do S. C. P., o único concorrente que bateu o vencedor, outro atrador que patenteia sensível progresso de há um ano para cá e cujo esforço não teve o merecido prémio de figurar na final, onde não estaria deslocado; Jorge de Paiva e Pona e Edmundo Franco, da M. P., dois jovens esgrimistas de mérito já comprovado mas que descuidaram demasiado a cobertura das avançadas — e não pareceram muito interessados no resultado...; Antero Martins, também da M. P., que promete; e José Rei, do G. C. P., que não mostrou haver melhorado, ou pelo menos não parece cuidar regularmente da sua preparação.

AVELAR MACHADO

A equipa do Sport Clube do Pôrto conquistou este ano o trofeu que tem o nome da sua sala de armas

Concluiu na passada quinta-feira a disputa deste interessante torneio, no qual se verificou a vitória da equipa do Sport Clube do Pôrto.

A falta de espaço obriga-nos a deixar para o próximo numero os correspondentes comentários.

CONSTA que o dr. Alberto Gomes, da Associação Académica de Coimbra, abandona, neste final de época, o futebol de competição. E pena que o facto se dê, de mais a mais notando-se que o jogador se encontra ainda em boa forma. É dos melhores e mais correctos jogadores que têm passado por Coimbra — e pela selecção nacional.

A sua despedida não pode ser uma despedida em família. É justo que a ela se associe, pelo menos, em espirito, o publico de todo o país!

A esgrima portuense está de parabens pela forma com se distinguiu em provas disputadas na capital. A equipa do Sport Clube especialmente, fez boa figura. Não ganhou o torneio de categoria — mas conquistou nada menos que a taça com o nome da brilhante colectividade da rua de S.ª Catarina.

A esgrima progride, pois, no Pôrto. E para isso tem contribuído bastante Adolfo Basto Correia, um dos melhores nomes da esgrima nacional. O seu entusiasmo operou durante muito tempo o milagre de não deixar desaparecer o belo desporto das armas no Pôrto.

NÃO assistimos ao terceiro jogo entre a Académica de Coimbra e o Vitória de Setúbal. Há, porém, uma nota desagradável — a expulsão de cinco jogadores de Setúbal. Dando mesmo desconto a possível rigor do juiz, apontado num jornal lisboeta, ainda é muita expulsão para um só jogo...

DESPERTOUBASTANTE interesse a primeira jornada do campeonato nacional de futebol de juniores. No sul, a luta foi tão apertada que houve necessidade de desempate. E preparando essas gerações que se assevera melhor a expansão do futebol.



fomos surpreender os jovens atletas «portistas» em aturado trabalho de preparação.

Ao meio do terreno de futebol — onde se efectuaram encontros dos mais sensacionais, que ficaram gravados como das melhores páginas da história do clube — Arnaldo Borges ministrava aos saltadores uma lição de ginmástica, prévia e especialmente estudada para a modalidade. Mais além, junto do topo sul, exercitavam-se por sua vez os lançadores, fazendo uso dos vários engenhos. Ambiente de trabalho, em suma, que não seria justo interromper. Re-colhemo-nos na sombra agradável da bancada e ficámos a olhar, interessados, aquelas boas dezenas de atletas em salutar actividade. Entretanto, o Hermann continuava a disparar...

A ginmástica dos saltadores atingira o seu termo e os rapazes dirigiram-se para a «caixa de areia». Arnaldo Borges, sempre activo, sempre vigilante a todos os pormenores do treino nas diversas modalidades, atendida com os seus preciosos ensinamentos os lançadores do dardo, corrigindo atitudes e definindo-os com exemplos de fácil compreensão. Por último, o treinador passou a cuidar dos corredores; tivemos assim a oportunidade de ver em acção algumas das revelações da época finda, com o Romero, Póvoas, Pires e Oliveira, a par de outros «novos» que também prometem.

Passaram duas horas. O treino estava concluído e Arnaldo Borges mostrava-se satisfeito com os seus pupilos, tendo para cada um deles uma palavra amiga ou um conselho de técnico.

NA CAPITAL do NORTE
DUAS HORAS ENTRE OS ATLETAS DO
F.C. do PORTO

NUMA destas últimas tardes, estivemos no campo da Constituição para assistir a um treino dos atletas que devem representar o C. Porto na próxima época. Já tínhamos informações encomiásticas acerca da prodigiosa actividade que a secção de atletismo do clube «azul-branco» estava a desenvolver sob a orientação técnica do sempre dedicado Arnaldo Borges, que, de praticante melhor seria ver, analisar, para que nos fosse possível falar com conhecimento directo do que, na verdade, se passava nos «bastidores»... Por isso, com o nosso «indispensável» Hermann e a sua infalível Leica, lá



Aproveitámos a ocasião para a troca de breves impressões. O próprio vestiário serviu de cenário ao nosso diálogo...

— Muita gente, e com decidida vontade de trabalhar, pelo que vimos... — dizemos-lhe.

— Sim! Estou satisfeíssimo com a assiduidade dos meus rapazes a estas sessões de treino. E se é certo que não compareceram hoje todos, pois deve andar à roda de cinquenta o número de inscritos na secção, a maior parte não falta sequer um dia...

— Muitas revelações?

— Ainda é cedo para afirmar qualquer coisa de concreto. Nem mesmo tenho a preocupação de apresentar desde já campeões famosos... Preocupo-me mais em dar a conhecer, a todos, os pormenores técnicos mais importantes da especialidade a que se dedicam, deixando que o tempo os revele à medida que assimilem aqueles pormenores. Quero atletas modestos — mas perfeitos. Não desejo fazer campeões de um ano, crivados de deficiências técnicas...

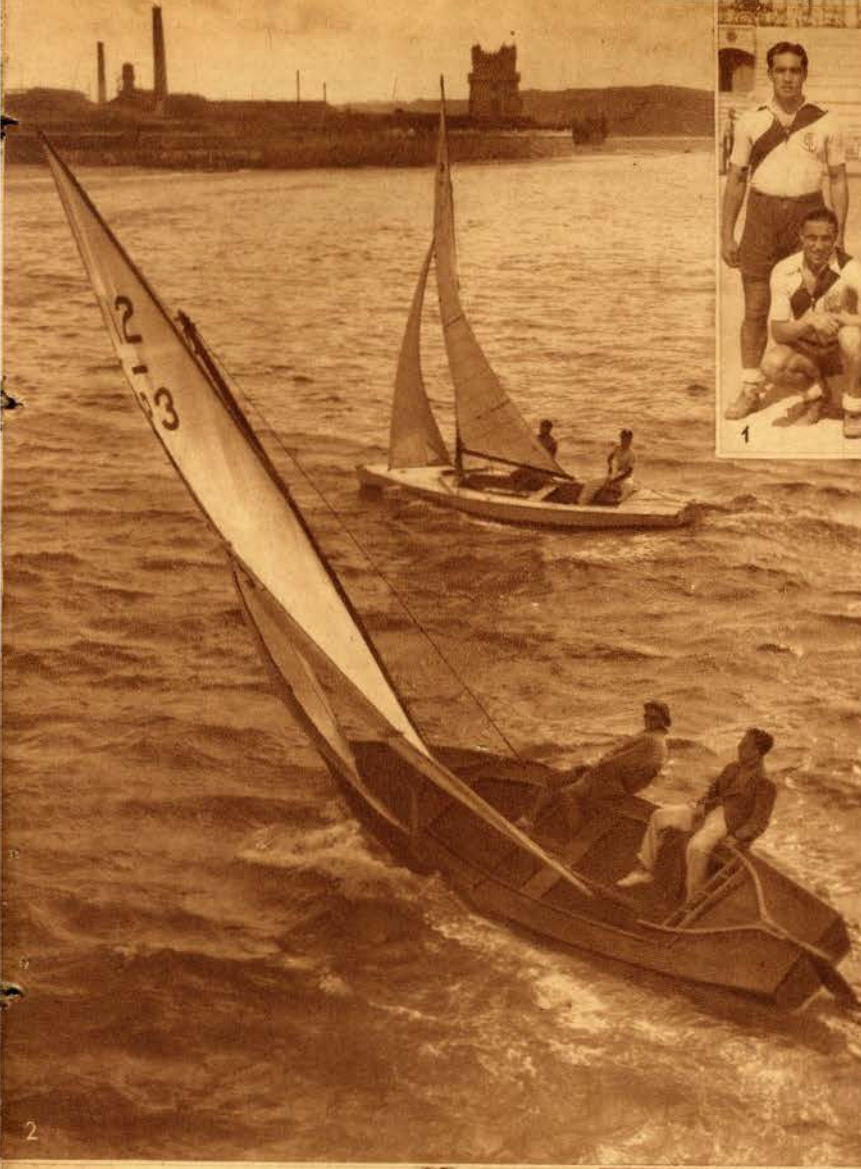
— O F. C. Porto vai apresentar, portanto, uma boa equipa...

— Boa ou má não deixará em caso algum de prestar a sua colaboração em todas as competições que se efectuarem. O meu clube está disposto a trabalhar, como nunca, pelo atletismo.

Deixámos pouco depois Arnaldo Borges com a certeza de que o atletismo norte-nordestino vai ter no F. C. Porto precioso auxiliar para a reconquista da posição brilhante que desfrutou no desporto nacional — e que perdeu.

O campo da Constituição, de brilhantes tradições, fica desértico...





DOMINGO DESPORTIVO

HANDBALL: 1—O grupo do Unidos, campeão de Lisboa. VELA: 2—Belo instante das provas de "sharpies". ATLETISMO: 3—Fernando Ferreira numa chegada, durante as provas efectuadas de tarde no Campo Grande; 4—Grupo de concorrentes ao torneio do Benfica, para sócios e simpatizantes. NATACÃO: 5—Os nadadores que disputaram o torneio do Nacional. "MOÇIDADE PORTUGUESA." 6.º—Os representantes da divisão do Douro Litoral (Liceu de Alexandre Herculano), campeões nacionais de "hand-ball" da "M. P."



JOSÉ MARTINS, do Sangalhos

conquistou o título de campeão nacional de fundo

AINDA esta época se não haviam verificado surpresas de vulto nas competições velocipedicas. As classificações das seis provas já disputadas pelos independentes têm constituído o resultado lógico do comportamento dos estradistas a maneira como esses resultados são obtidos, também corresponde às possibilidades e características de cada atleta.

Os homens mais rápidos triunfaram, até agora, na luta travada nas embalgagens finais, com os corredores mais «duros», e estes têm levado a melhor nas provas difíceis e nos ataques lançados longe das metas.

No domingo, porém, no Campeonato Nacional de fundo, disputado numa prova de 196 quilómetros, que teve como percurso o circuito Lisboa-Cercal-Caldas-Tórres-Lisboa, surgiu a primeira surpresa do ano: João Lourenço, o mais veloz dos estadistas do actual lote em actividade e que, nos últimos três anos, nos parece não ter sido batido sobre o risco da chegada senão duas vezes, foi vencido, de maneira absolutamente normal, por José Martins, que é, todos o sabem, muito menos rápido que o corredor «leonino».

Um título bem entregue

Desta maneira, ganhou o estradista de Sangalhos o seu primeiro campeonato, depois de ter já sido duas vezes sub-campeão.

Fica muito bem entregue o título. José Martins não só tem sido um corredor muito regular, como vem demonstrando ser, esta temporada, dos estradistas fisicamente mais bem preparados e em melhor forma.

Não teve, é certo, no domingo, comportamento de grande valia. Manteve-se sempre numa prudente defesa, isto mesmo já em Carriço, onde as suas qualidades de trepador lhe podiam dar vantagens, e preferiu aguardar a chegada à pista para ganhar a prova. Foi uma tática ousada, de que se saiu bem.

Mas nem só Martins esteve longe de fazer prova digna de um campeonato. À excepção de Rebelo, que tentou, nada menos de doze vezes, adiantar-se ao pelotão, em demonstração de brio digna de um homem que tem um título a defender, e de Lourenço e Império, que foram os que melhor e mais prontamente responderam a ataques, frustrando assim os propósitos do «iluminante», ninguém mais teve comportamento que justificasse, só pela prova de domingo, a posse de tão honroso título.

De semelhante apatia — provocada, quanto a nós, pelo facto do campeão deposedo estar nas provas completamente desamparado da ajuda de qualquer companheiro de clube, vendo-se ele, que queria vencer, obrigado a não gastar prematuramente energias preciosas — dessa indiferença se ressentiu o tempo da prova, que foi o pior de todos os campeonatos disputados em percurso idêntico. Enquanto é-te ano Martins se creditou com 6 h. 14 m. e 10 s., Rebelo, em 1943, cobriu as distâncias em 6 h. 2 m. 2 s., Lourenço, em 1942, fez 6 h. 8 m. e 7 s., e Inácio, em 1941, gastou 6 h. 5 m. e 26 s.

Um lote que se igualou

Logo que Rebelo se não esgueirou antes de portão do Estádio, e que à pista chegaram os três homens, que se tinham aguentado com o «arranque» do campeão regional, Lourenço passou a reinar todas as probabilidades de vencer. Batido, porém, por um estradista que nos últimos metros se mostrou superior, pôde, assim, considerar-se justa e merecida a segunda classificação do sportinguista, isto porque, dentro de um plano de mediocridade, todos os três primeiros classificados se igualaram.

Deve ter chocado bastante Lourenço o ter perdido a prova num terreno que lhe era favorável. Isso, que não traduz perda irremediável das suas qualidades de bom «printer», sucedeu, em primeiro lugar, porque o sportinguista estava fatigado de mais pelo esforço feito para «aguentar» Rebelo em Coruche, e também por um pouco de excesso de confiança.

Embora seguro das suas possibilidades, Império dos Santos, o outro elemento do lote, não fez prova deveras brilhante. Respondeu sempre prontamente a todos os ataques, mas raras vezes se expôs a comandar ou em tentativas de fuga, tendo apenas uma pequena iniciativa na descida da Piteira, mas que, por ser de pouca insistência, não deu resultado. Eis porque deve estar satisfeito com o seu terceiro lugar.

Quanto a Rebelo, pode definir-se em poucas palavras a sua prova: foi o mais combativo e voluntaroso e o que procurou vencer atacando. Como todos os seus mais perigosos adversários se defenderam, ele, superando-os em comportamento, inferiorizou-se na ordem da chegada...

Correr para terminar a prova

Eram os quatro primeiros classificados os concorrentes que tinham de facto, aspiração ao título. Os restantes cremos que não teriam a veleidade de pensar que poderiam vir a ser campeões de Portugal. Daí as suas provas discretas, embora alguns as valorizassem, não pelo seu espírito de «luta de ataque», mas pelo desejo de terminar a corrida com classificação de certo merecimento. Foi até com semelhante desejo que certos corredores, para anularem atrazos provocados por avarias, chegaram mesmo a evidenciarem-se.

Nestas circunstâncias, não devemos esquecer os nomes de Bartolomen, que conseguiu «recolar» após dois «furos»; os de Mourão, Belmiro, Noé e Cardoso, que, por três vezes, tiveram de perseguir o pelotão depois de repararem avarias; e, ainda, os de Aniceto e Aristides, sobretudo este último, que nos pareceu em forma aceitável, pela a facilidade das suas «recolagens».

Classificações

1.º — José Martins, (Sangalhos), 6 h. 14 m. 10 s.; 2.º — Lourenço, (Sporting); 3.º — Império, (Salgueiros); 4.º — Rebelo, (Iluminante) — todos com o mesmo tempo; 5.º — Aristides, (Sporting), 6 h. 15 m. 14 s.; 6.º — Mourão, (Sporting); 7.º — M. Ferreira, (Salgueiros); 8.º — Noé, (Sangalhos); 9.º — Aniceto, (F. C. Porto); 10.º — J. Ferreira; 11.º — Belmiro, (Académico).

GIL MOREIRA

RUGBY

(Conclusão da pág. 10)

será nula, pois imediatamente nasce o contra-ataque, mais perigoso talvez do que a precedente ofensiva.

Se o pontapé se emprega em ataque, pretendendo endereçar a bola a um companheiro mais livre de movimentos e demasiado afastado para o passe manual, é necessário graduar a força e a forma da trajectória de maneira que a bola atinja o ponto visado no momento preciso em que lá se encontra o destinatário. Os pontapés ao acaso, vício terrível dos principiantes, que facilmente se atrapalham quando atacados, pensando apenas em livrar-se da bola, são de péssimas conseqüências, pois oferecem, por via de regra, a bola ao adversário.

Para conseguir a precisão no pontapé directo, o melhor processo de treino consiste em colocar dois jogadores afastados a distâncias variáveis, os quais mutuamente recambiam a bola; tal exercício tem dupla vantagem, porque contribui para a certeza de cálculo na força e direcção do pontapé e adentra ao mesmo tempo na recepção da bola.

O exercício, seriado, começa-se parado e continua-se em corrida e em todas as direcções.

SALAZAR CARREIRA

O Festival de abertura no C. N. N.

O Clube Nacional de Natação, a laboriosa e prestantíssima colectividade da rua de S. Bento, inaugurou, no último domingo, a época de natação, época esta em que se propõe trabalhar mais do que nunca, o que aliás é absolutamente compreensível, pois comemora 25 anos de existência, ou seja, o ano das suas bodas de prata.

O festival de domingo correspondeu em absoluto aos fins em vista. Primeiro, marcou o início dos trabalhos da secção de natação dentro da colectividade, depois, foi, mesmo sob o ponto de vista desportivo, uma agradável reafirmação natação, com elevado número de concorrentes, com bastante assistência e com uma curiosa demonstração de salvamento.

Materia prima não falta. E como prova disso bastará dizer-se que se disputaram oito provas de infantis, nadadores de palmo e meio que se bateram com o entusiasmo que lhes é peculiar:

33 metros-bruços — Francisco Cabral da Silva, 20 s. 2/10; 33 metros-costas — José da Cunha, 37 s. 1/10 metros-livres — Francisco Cabral da Silva, 22 s. 4/10. Digno de nota, o tempo de Francisco Cabral da Silva, nos 33 metros-livres.

Principiantes: 66 metros-bruços — Joaquim Duarte, 1 m. 4 s. 2/10; 66 metros-livres — João Borges, 39 s. 2/10.

Como é natural, foi nas provas de inscrição livre que se verificou maior entusiasmo e também que se registaram o melhor tempo: 100 metros-bruços — Manuel Pereira Marques, 1 m. 31 s.; 100 metros-livres — Manuel da Fonseca, 1 m. 16 s. 4/10.

Três estafetas — uma de infantis e duas de inscrição livre — completaram o programa, provocando a habitual animação.

Festas as provas realizou-se uma demonstração de salvamento, pelos alunos da escola, para a assistência seguiu com muito interesse.

O Nacional mantém-se, assim, fiel à sua tradicional dedicação pelo ensino da técnica dos socorros a naufragos.

Os grandes torneios de futebol

(Conclusão da pág. 11)

Agora, por exemplo, introduziu-se na «Copa del Generalísimo», de estrutura idêntica à da «Taça de Portugal», o princípio da «preparação» dos dezasseis avos da prova, em que assemelha, durante anos, a eliminatória que dava os concorrentes para os oitavos de final.

Para melhor esclarecimento, recordamos, com a devida vénia, do nosso colega madrilenho «Marca», os seguintes períodos:

«A Federação Espanhola determinou a forma como se disputará a primeira eliminatória da «Copa» (dezasseis avos de final), atendendo-se a proximidades geográficas, a fim de evitar grandes deslocações. Ao mesmo tempo, e com o fim de impedir que nestes primeiros encontros se defrontem duas equipas da I Divisão, formaram-se dois grupos, um deles constituído pelos 14 clubes que disputaram o campeonato da I Divisão, mais os dois que conseguiram a subida automática àquela Divisão. O segundo grupo será formado pelas 12 equipas que restam da II Divisão, pelos 2 campeões da III Divisão e pelos 2 vencedores da fase preliminar do torneio».

A «Copa del Generalísimo» vai, pois, ter, este ano, a primeira eliminatória «preparada» com vista a duas coisas que interessam à organização de prova: redução de despesas pela escolha de adversários que não distem muito uns dos outros e separação entre os clubes da I Divisão e os que a ela não pertencem, de modo a evitar que um clube de primeiro plano saia prematuramente da prova. É com boas equipas que os desafios despertam entusiasmo.

Assim se procede em Espanha.

MÁRIO DE OLIVEIRA

Acontecimentos da semana

(Conclusão da pág. 10)

— Concluíram-se todas as provas das taças «Gama Lobo» e «Serra e Moura», com vitórias, respectivamente, de Gama Lobo (fortes), Seabra Pinto (médios) e Almeida Rocha (fracos), no primeiro trofeu, Eduardo Ricciardi — Fernando Brada (fortes), Seabra Pinto — Manuel LA, (médios) e Almeida Rocha — Maia Saturnino (fracos), na última daquelas competições.

VELA — A «Brigada Naval» e a «Moçidade Portuguesa» promoveram algumas regatas de «sharpies» e de «vougas» — a da última para a taça «Duarte Belo». Saíram vencedores: Carlos Lourenço e Fernando Pessoa, na primeira corrida da taça em referência, em «sharpies» de 12^m; João Nogueira e José da Costa, em «sharpies» de 9^m; Fernando Belo e António Vilar, em «sharpies» de 12^m; Fernando e José Pessoa, em «vougas».

VOLLEYBALL — A formação da Estremadura (infantes, vanguardistas e cadetes) ganharam, em competição com as do Algarve, os campeonatos nacionais da «Moçidade Portuguesa». São, respectivamente: Colégio de João de Deus (infantes), Liceu de Cambos (vanguardistas) e Bairro Escolar do Estoril (cadetes).

CICLISMO — NO CAMPEONATO NACIONAL DE FUNDO

1—Martins Beze Lourenço ao «sprint»! 2—À saída das curvas do Bombarral, o pelotão é acompanhado por J. Ferreira, Aristides e Rebelo —figurando o vencedor em último plano; 3—Um acidente... Belmiro, do Académico, após o choque com J. Martins; 4—A caminho de Alhandra, os nortenhos animam a prova; 5—A beleza do ciclismo em estrada: um belo panorama, tendo Alenquer por fundo.

(Foto Nuno de Almeida)



1



2



3



5

CONHEÇA A SUA TERRA...

VIAJANDO NUMA
FLECHA
a bicicleta da actualidade

A ILUMINANTE

Avenida Almirante Reis, 6—Largo do Intendente, 11-17
TELEFONES 401867 E 51148 LISBOA